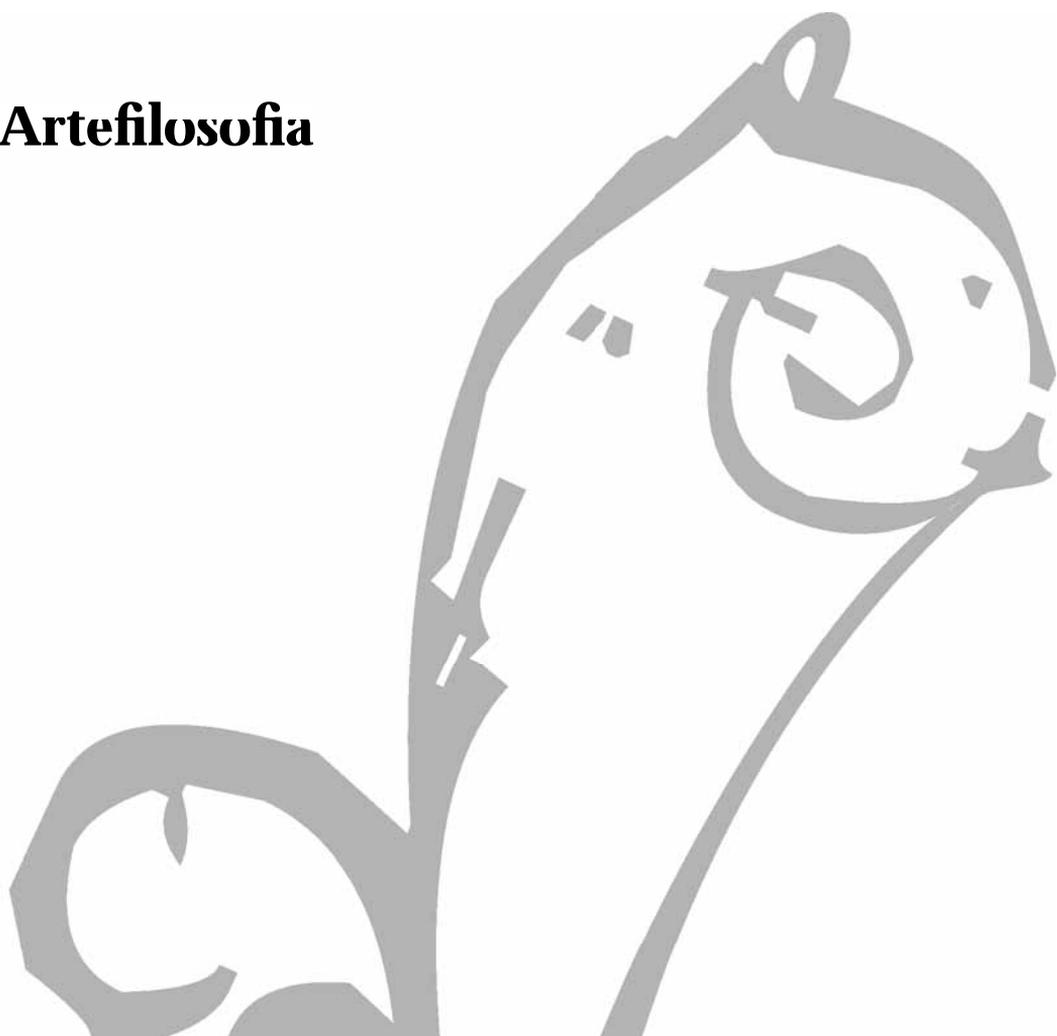


# **Artefilosofia**





# Alemanha, um conto de inverno (Caput I)

Heinrich Heine

O poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856) não é nenhum desconhecido no Brasil. Alguns dos mais ilustres autores brasileiros, como Gonçalves Dias, Machado de Assis, Raul Pompéia, João Ribeiro, Alphonso de Guimaraens, Fagundes Varela e Manuel Bandeira, empenharam-se em traduzir seus poemas. Também está presente na memória coletiva devido à homenagem de Castro Alves na epígrafe de seu famoso *O navio negreiro*. Fora do mercado há décadas, a sua coletânea *O livro das canções* voltou às estantes este ano e pode-se constatar uma nova valorização de sua obra em prosa pela tradução das narrativas *Das Memórias do Senhor de Schnabelewopski*, *Noites florentinas*, *O Rabi de Bacherach*, *Deuses no exílio* e do ensaio *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*.

Entretanto, nessa seleção está ausente um poema mais tardio, que o próprio Heine, já um autor célebre, julgou sua obra-prima, quando escrevia para seu editor, Julius Campe: “Não quero me gabar, mas tenho certeza de que aprontei uma obrinha que provocará mais furor que o folhetim mais popular e que, mesmo assim, terá o valor eterno de uma poesia clássica.” O comentário foi profético: o poema *Alemanha, um conto de inverno*, escrito em 1844, mesmo que “amenizado” pelo autor para driblar a censura prévia, provocou reações violentas. Heine foi acusado de calúnia e só não sofreu conseqüências mais severas porque já vivia, desde 1831, exilado em Paris. O que causou esta indignação dos representantes do poder é óbvio. Heine utilizava o relato de uma viagem que realizou depois de 12 anos de exílio para dissecar a realidade alemã: uma multiplicidade de estados desunidos, vivendo sob o jugo da Restauração e do domínio prussiano, ou seja, congelados num eterno inverno. Em versos satíricos, cáusticos e altamente divertidos, ele ataca os três pilares da miséria alemã: os burgueses e os monarquistas militaristas, ambos “fariseus da nacionalidade”, e a igreja, instigadora de uma “servilidade” que “há de ser destruída, até no seu último refúgio, o céu”. O ataque é feito preferencialmente “pelas beiradas”, desconstruindo as instituições, os símbolos e os mitos nacionais mais consagrados. O olhar empregado, de um alemão “estranho”, é confrontado com o contexto de uma Alemanha “oficial”. Não obstante, é este o olhar que clama por legitimidade. No prólogo, Heine salienta que a sátira desconstrói aquilo que impede o surgimento de uma Alemanha desejada pela população e defende, ironicamente, seu patriotismo, em função de uma revolução universal: “Se nós concluirmos o que os franceses começaram, se nós os ultrapassarmos na ação, como já o fizemos no pensamento [...], o mundo inteiro será alemão!”

A segunda profecia também foi cumprida. Heinrich Heine é fortemente representado no cânone alemão e o *Conto de inverno* é reconhecido como uma das maiores sátiras do século XIX. Sua leitura, inclusive, é obrigatória nas escolas. Mas esta valorização só começou nos anos 60. Antes, no *Reich*, o autor incômodo foi rechaçado sistematicamente pela germanística nacionalista e anti-socialista; depois, os nacional-socialistas conseguiram aniquilar quase completamente a memória do “traidor da pátria” e, na lógica nazista, “judeu” da história literária. Mas Heine ainda não foi plenamente reabilitado: lamentavelmente, a sua revalorização atual tem mostrado também uma certa preferência pela interpretação imanentista e estética, em detrimento da provocante mensagem política, apenas aparentemente datada, de um escritor politizado até à medula. Segundo Heine, nada poderia “separar a política da ciência, das artes e da religião” e o rigor de sua crítica política pode ser comparado apenas com o de Heinrich Mann e Kurt Tucholsky. É um sinal encorajador, aliás, que essa tendência de interpretação não se estenda ao Brasil, como mostra a interpretação *A arte do combate*, publicada em 2003 por Marcelo Backes, tradutor de Heine.

Georg Wink  
Revisão. Romero Freitas

# Deutschland, ein wintermärchen (caput)

Heinrich Heine

Im traurigen Monat November war's,  
Die Tage wurden trüber,  
Der Wind riß von den Bäumen das Laub,  
Da reist ich nach Deutschland hinüber.

Und als ich an die Grenze kam,  
Da fühlt ich ein stärkeres Klopfen  
In meiner Brust, ich glaube sogar  
Die Augen begunnen zu tropfen.

Und als ich die deutsche Sprache vernahm,  
Da ward mir seltsam zumute;  
Ich meinte nicht anders, als ob das Herz  
Recht angenehm verblute.

Ein kleines Harfenmädchen sang.  
Sie sang mit wahren Gefühle  
Und falscher Stimme, doch ward ich sehr  
Gerühret von ihrem Spiele.

Sie sang von Liebe und Liebesgram,  
Aufopfrung und Wiederfinden  
Dort oben, in jener besseren Welt,  
Wo alle Leiden schwinden.

Sie sang vom irdischen Jammertal,  
Von Freuden, die bald zerronnen,  
Vom Jenseits, wo die Seele schwelgt  
Verklärt in ew'gen Wönnen.

Sie sang das alte Entsagungslid,  
Das Eiapopeia vom Himmel,  
Womit man einlullt, wenn es greint,  
Das Volk, den großen Lümmel.

Ich kenne die Weise, ich kenne den Text,  
Ich kenn auch die Herren Verfasser;  
Ich weiß, sie tranken heimlich Wein  
Und predigten öffentlich Wasser.

Ein neues Lied, ein besseres Lied,  
O Freunde, will ich euch dichten!  
Wir wollen hier auf Erden schon  
Das Himmelreich errichten.

# Alemanha, um conto de inverno (Caput I)

Heinrich Heine

Foi no triste mês de novembro,  
As tardes eram turvas, estranhas,  
O vento desfolhava as árvores,  
E eu viajei para a Alemanha.

E quando cheguei à fronteira,  
Sentia no peito o pulsar,  
Creio até mesmo que os olhos  
Principiavam a pingar.

E quando ouvi a língua alemã,  
Tive uma sensação diferente:  
Sentia como se o meu coração  
Sangrassse deliciosamente.

Cantava uma pequena harpista.  
Com emoção verdadeira cantava,  
E com voz falsa, mas ainda assim  
Tocava-me o que ela cantava.

Cantava amores e dores,  
Reencontros e sacrifícios,  
No mundo melhor lá de cima  
Livre de todos os vícios.

Cantava sobre este vale de lágrimas,  
Sobre o prazer sem história,  
Sobre o Além, onde a alma mergulha  
Transfigurada em eterna glória.

Cantava antiga canção de renúncia,  
A canção de ninar do Céu  
Que embala o povo birrento  
Criança que faz escarcéu.

Conheço a melodia, conheço a letra,  
Conheço também os autores:  
Quando em público dizem “água”,  
Bebem vinho nos bastidores.

Uma nova canção, uma outra canção  
Quero compor-lhe, amigo fiel!  
Queremos aqui na Terra  
Erguer o Reino do Céu.

Wir wollen auf Erden glücklich sein,  
Und wollen nicht mehr darben;  
Verschlemmen soll nicht der faule Bauch,  
Was fleißige Hände erwarben.

Es wächst hienieden Brot genug  
Für alle Menschenkinder,  
Auch Rosen und Myrten, Schönheit und Lust,  
Und Zuckerböden nicht minder.

Ja, Zuckerböden für jedermann,  
Sobald die Schoten platzen!  
Den Himmel überlassen wir  
Den Engeln und den Spatzen.

Und wachsen uns Flügel nach dem Tod,  
So wollen wir euch besuchen  
Dort oben, und wir, wir essen mit euch  
Die seligsten Torten und Kuchen.

Ein neues Lied, ein besseres Lied!  
Es klingt wie Flöten und Geigen!  
Das Miserere ist vorbei,  
Die Sterbeglocken schweigen.

Die Jungfer Europa ist verlobt  
Mit dem schönen Geniesse  
Der Freiheit, sie liegen einander im Arm,  
Sie schwelgen im ersten Kusse.

Und fehlt der Pfaffensegnen dabei,  
Die Ehe wird gültig nicht minder -  
Es lebe Bräutigam und Braut,  
Und ihre zukünftigen Kinder!

Ein Hochzeitkarmen ist mein Lied,  
Das bessere, das neue!  
In meiner Seele gehen auf  
Die Sterne der höchsten Weihe -

Begeisterte Sterne, sie lodern wild,  
Zerfließen in Flammenbächen -  
Ich fühle mich wunderbar erstarkt,  
Ich könnte Eichen zerbrechen!

Seit ich auf deutsche Erde trat,  
Durchströmen mich Zaubersäfte -  
Der Riese hat wieder die Mutter berührt,  
Und es wuchsen ihm neu die Kräfte.

Queremos a felicidade terrestre,  
Não queremos mais ser indigentes.  
O preguiçoso devorar não deve  
O trabalho das mãos pacientes.

Aqui em baixo cresce pão o bastante  
Para cada criança de hoje,  
E também rosas, murtas, beleza e gozo,  
E inclusive ervilha doce.

Sim, ervilha doce para todos,  
Tão logo rebentem os cereais!  
Nós deixaremos o Céu  
Para os anjos e pardais.

E se nascerem asas após a morte,  
Então nos veremos de novo  
Lá no alto, e lá comeremos juntos  
Ditosas tortas e bolos.

Uma nova canção, uma outra canção!  
Soa como flautas e violinos!  
O miserere já se foi,  
Ficou o silêncio dos sinos.

A virgem Europa está noiva  
Do belo gênio da liberdade.  
Nos braços um do outro  
Beijam-se de verdade.

E o casório não valerá menos  
Sem a benção das batinas:  
Viva o noivo e a noiva  
E seus meninos e meninas!

Canto de núpcias é meu poema,  
A outra, a nova canção!  
Brotam na minha alma  
Estrelas de consagração:

Estrelas eufóricas, selvagens,  
Em rios de chamejante cascalho:  
Sinto um milagre de força,  
Eu partiria carvalhos!

Ao pisar em solo alemão,  
Atravessam-me fluidos mágicos:  
Outra vez, o gigante tocou a mãe,  
Renovam-se as forças atávicas.

**Tradução: Romero Freitas e Georg Wink**

**Nota Introdutória: Georg Wink**

(Revisão: Romero Freitas)